

ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE

RETRATOS DA MATERNIDADE EM OBRAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO E ELIANE BRUM

Dinameire Oliveira Carneiro Rios

(Universidade Federal do Tocantins)

Soraima Martins Ferreira

(Universidade Federal do Tocantins)

RESUMO	ABSTRACT
O presente trabalho tem como objetivo analisar as representações da maternidade na literatura contemporânea, em suas dimensões de gênero, raça e classe. Assim, parte-se desta perspectiva interseccional para discutir acerca da construção das relações maternas em duas personagens, Maria, do conto homônimo da obra <i>Olhos d'água</i> (2015), de Conceição Evaristo, e Francisca, personagem do relato "Fuzil no portão", do livro <i>O olho da rua</i> (2008), de Eliane Brum. Estes dois textos estabelecem um diálogo contundente ao trazerem como força motriz de suas narrativas a existência da mulher pobre, periférica, trabalhadora a partir da dimensão da maternidade e dos atravessamentos sociais comuns a este sujeito, como a opressão e a violência.	The present work aims to analyze the representations of motherhood in contemporary literature, in its dimensions of gender, race and class. Thus, it is started from this intersectional perspective to discuss the construction of maternal relationships in two characters, Maria, from the short story of the same name in the work <i>Olhos d'água</i> (2015), by Conceição Evaristo, and Francisca, a character from the story "Fuzil no portão", from the book <i>O olho da rua</i> (2008), by Eliane Brum. These two texts establish a forceful dialogue by bringing as a driving force in their narratives the existence of poor, peripheral, working women from the dimension of motherhood and the social obstacles common to this subject, such as oppression and violence.

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Mulher; Maternidade; Narrativa.	Woman; Maternity; Narrative.

INTRODUÇÃO

Dentro do regime escravocrata, o corpo negro era visto como coisa, objeto, em meio a um processo de esvaziamento de sua identidade, subjetividade e humanidade que o colocava em uma condição de profundo apagamento e opressão social. No caso da mulher negra, entre tantas outras possibilidades, exerciam as funções indignas para as suas "senhoras", como cuidar das casas e amamentar os filhos dos patrões, forçadas a serem "mucamas e /ou amas de leite", desmistificando a romantização da ideia de que desempenhar esta função traria certos "privilégios" para as escravizadas. Nessa lógica, uma das maiores contradições e violências impetradas pelo sistema escravocrata contra as mulheres negras era o fato de terem que deixar seus próprios filhos, impedindo-as da escolha da sua maternidade, para exercerem muitas das ações do materno em lugar da mulher branca. (Freire, 2003).

Mesmo a abolição da escravidão em 1888, por meio da Lei Áurea, não foi suficiente para findar o resultado de séculos de injustiça, preconceito e intolerância, disseminados e enraizados durante os quase quatrocentos anos de escravização colonial. O que se notou como resultado disso foi que a libertação da população negra das inúmeras injustiças sociais dos anos de escravização não significou uma verdadeira conquista histórica, uma vez que não houve a construção de políticas sociais que pudessem transformar, de fato, esses homens e mulheres em cidadãos brasileiros. Ou seja, mesmo após a abolição, homens e mulheres negras continuaram presos a condições de vida degradantes e às margens dos grandes centros, sem nenhum tipo de apoio ou ressarcimento, deixando para eles apenas espaços mais afastados, induzindo a grande massa dos “libertados” a ocupar âmbitos ditos marginais e periféricos. Conforme Santana e Bicalho (2020), o sistema de opressão continuou operando através de diversos dispositivos sociais, o que fez com que a comunidade afro-brasileira fosse posta numa condição de “subcidadãos”, o que reverbera diretamente na situação política e social da população negra na atualidade.

Em decorrência desse cenário histórico social, as estatísticas comprovam que a população negra é a maioria entre os de maior vulnerabilidade social, bem como os de menor acesso a direitos básicos, como emprego, saúde e educação. A comprovação disso pode ser feita pelos dados do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas, (Ibre/FGV), que apontam que, no primeiro trimestre de 2023, a remuneração média das mulheres negras no Brasil era de R\$ 1.948, o que corresponde a 48% do que homens brancos ganham na média, 62% do que mulheres brancas recebem e 80% do que homens negros ganham (Campos, 2024). Com esse levantamento, percebe-se que a luta pela igualdade da mulher negra se encontra em um contraste de desigualdade maior do que as mulheres brancas. Diante de tais levantamentos, Cuti (2010) afirma que:

A luta entre escravizados e escravizadores mudou sua roupagem no biombo do século XIX, mas prossegue com suas escaramuças, porque a ideologia da hierarquia das raças continua, segue mudando de cor com os camaleões, adaptando-se a situações novas, com manobras da hipocrisia sempre mais elaboradas (Cuti, 2010, p.7).

Em face do exposto, um dos objetivos desta pesquisa consiste em sobrelevar umas das mais excelentes ferramentas contra as diversas desigualdades, a literatura, mais precisamente no conceito de *escrevivência*, utilizado pela primeira vez em 1995, por Conceição Evaristo, quando foi apresentado no *Seminário Mulher e Literatura*. Esse termo, conforme a autora, contempla a escrita de experiências pessoais, que abrangem lembranças do dia a dia de vozes negras. Para Conceição Evaristo,

A imagem fundante do terno é a figura da Mãe preta, aquela que vivia a

sua condição de escravizada dentro da casa-grande. Essa mulher tinha como trabalho escravo a função forçada de cuidar da prole da família colonizadora. Era a mãe de leite, a que preparava os alimentos, a que conversava com os bebês e ensinava as primeiras palavras, tudo fazia parte da sua condição de escravizada. E havia o momento em que esse corpo escravizado, cerceado em suas vontades, em sua liberdade de calar, silenciar ou gritar, devia estar em estudo de obediência para cumprir mais uma tarefa, a de “contar” histórias para adormecer os da casa-grande (Evaristo, 2020, p. 29-30).

A escrevivência vem então como uma referência à intelectualidade negra e traz a junção das palavras “escrever e vivência”, pois ela está atrelada à genealogia da experiência étnica e de gênero a ela ligada. Como confirma a autora, “A escrevivência não é a escrita de si, porque esta se esgota no próprio sujeito. Ela carrega a vivência da coletividade”. (Evaristo, p. 32, 2020). Para Evaristo, a escrevivência tem se mostrado uma ferramenta eficaz contra a violência e o racismo atemporal. Em face do exposto, o conceito contribui para se pensar e discutir como são construídas as histórias e lutas do povo negro desde o período colonial, sendo uma importante forma de expressividade. Assim, tal conceito ajuda a tornar a literatura afro-brasileira um elemento renovador no que diz respeito à identidade cultural da população negra.

1 A LITERATURA COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA

A literatura afro-brasileira é um importante veículo capaz de aproximar os leitores ao prisma que envolve a comunidade negra. Assim, é possível compreender e visualizar nesta produção literária várias praxes livres de atravessamento de questões e representações que tão recorrentemente recaíram na objetificação e estereotipização do negro como personagem, por exemplo. Reputar a mulher como personagem principal de sua própria história através do olhar feminino, do contar a história sob outras perspectivas, sobretudo da mulher, mãe e negra, tem sido tarefa de escritoras que fazem parte desse movimento da literatura afro-brasileira. Tal concepção é reforçada por Dalcastagnè, quando afirma que:

A literatura pode dar a ver situações que são tornadas “invisíveis” e, assim, contribuir minimamente para a sua discussão, é importante que sejam inseridas novas vozes, provenientes de outros espaços sociais, em nosso campo literário. Afinal, são essas vozes autorais que podem, efetivamente, acrescentar substância e originalidade à literatura brasileira (Dalcastagnè, 2014, p. 299).

Dentre os grandes nomes, encontra-se o da Maria da Conceição Evaristo de Brito, autora que nasceu em Belo Horizonte, em 1946, de origem pobre e que migrou para o Rio

de Janeiro no ano de 1970. Trabalhou como empregada doméstica até se formar em letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A partir daí, começou a trabalhar como professora da rede pública de ensino. Atualmente é doutora em literatura, pesquisadora da literatura negra, poeta, contista e ensaísta. Em suas obras, Evaristo traz o protagonismo feminino, ratificando a afirmação de Dalcastagnè, que ressalta a importância desta literatura, a fim de entender as mulheres pobres e negras como parte fundamental desse processo de construção da identidade da mulher. Dito isso, como destaca Duarte:

(...) a autora vem formando um estilo em que se nota a mão poetisa a trançar linhas e contornos dos enredos. Em sua ficção, momentos da mais intensa candura são quebrados pela irrupção repentina da violência, tanto física quanto simbólica. E, ao contrário do que se vê em muitos autores, não busca Evaristo amenizar ou adocicar a dureza de um cotidiano marcado pelo tratamento o mais das vezes desumano de que são vítimas seus personagens. Do contraste ao sobressalto, as cenas ganham intensidade e chocam mais por seus efeitos do que pela exposição da violência em si. Tem-se, deste modo, o descarte tanto da brutalidade como espetáculo quanto de sua naturalização como inerente ao processo histórico, ambas atitudes comuns nas representações modificada do negro (Duarte, 2013, p. 151).

Portanto, por meio da literatura negra, personagens, autoras e autores resgatam sua plenitude enquanto seres humanos, rompendo vícios do racismo e preconceito, que muitas vezes são silenciosos e que estão enraizados também na prática literária. Entretanto, apesar de toda essa luta, a exclusão e a invisibilidade ainda são a realidade e a sociedade na atualidade: o pensamento interseccional nos leva à apreciação de que a experiência das mulheres negras na literatura não se iguala, ainda, a das mulheres brancas, evidenciando os reflexos da violência histórica que caracteriza a existência da população negra brasileira.

2 REPRESENTAÇÕES DA MATERNIDADE ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE

Com base nesse entendimento, partiremos para análise do conto “Maria”, de Conceição Evaristo (2016), que faz parte do livro *Olhos d'água*, publicado em 2015. A narrativa do conto trata sobre a protagonista Maria, uma mulher preta, empregada doméstica e mãe solo de três filhos, que é espancada até a morte dentro de um ônibus que a conduzia para casa, onde encontraria os seus filhos, para quem levava os restos de comida da festa oferecida pela patroa. O assassinato brutal acontece por ela ter se deparado e conversado no transporte público com aquele que era o pai de um dos seus

filhos e, concidentemente, o homem que acaba por assaltar todos os passageiros do ônibus, com exceção de Maria e de um garoto negro. O cenário do conto delineia um exemplo de violência contra a mulher negra. Nesse sentido, este conto dá visibilidade às agruras que afligem as classes marginalizadas, primordialmente a mulher periférica e negra. Como afirmam Balisa e David (2017, p. 73), Conceição Evaristo dá destaque à vertente negra feminina: “Para ela, a escrita afro-brasileira é marcada pelo ponto de vista da mulher negra. A partir dessa constatação, formula o conceito fundamental de sua produção literária, a *escrevivência*”. O conto “Maria”, desse modo, representa o conceito fundamental da *escrevivência* de Evaristo, pois representa a denúncia da posição ocupada por indivíduos marginalizados na sociedade.

No referido conto, é notório que Maria é a provedora do lar, uma vez que é ela que garante a alimentação dos filhos, que zela pela saúde e pelo bem-estar deles. Pode-se perceber que em todo o conto, ela coloca as necessidades de seus filhos acima das suas e se preocupa em levar ao mais velho o recado do pai, algo que infelizmente não pôde ser concretizado devido ao desfecho da narrativa:

No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava Para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enjeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa, Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir o nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos iriam gostar de melão? (Evaristo, 2016, p. 42).

Nessa perspectiva, nota-se a situação de subalternidade em que Maria estava inserida, uma vez que, como empregada doméstica que trabalha até mesmo aos domingos, resta levar para casa os restos de alimentos deixados pelos convidados de sua patroa, aquilo que seria designado ao lixo. Porém, como um ato de “benevolência”, os restos e “os ossos”, que seriam jogados fora, são doados para a empregada, como um aparente ato de nobreza por parte da patroa. Em contrapartida, Maria sabia que o que estava levando para sua casa iria alimentar seus filhos e tratar da saúde deles, e isso a deixara feliz.

Em diversos momentos dessa narrativa, Maria cita um corte em sua mão, corte esse que dói, feito por uma faca a laser. “A palma de uma de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca a laser corta até a vida!” Evaristo (2016), demonstrando assim, que a dor do corte não se refere tão somente à lesão física, mas também às condições em que ela, enquanto mulher, mãe

solo, negra e pobre sofreu e sofre no decorrer de sua trajetória de sobrevivência, bem como para criar seus filhos; mesmo diante dessa realidade e da crueldade das pessoas a sua volta, Maria não deixa de apresentar brandura e inocência em contraste ao horror e desumanidade das pessoas que a cercavam no transporte público. Tal cenário de violência e preconceito que envolve a condição de mulher negra e pobre pode ser evidenciado no trecho a seguir:

Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arreventado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar de melão? Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo e um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado (Evaristo, 2016, p. 42).

Como parte do seu conceito literário de “escrivência”, Conceição Evaristo constrói nesse conto uma narrativa contundente em relação às mazelas sociais que atravessam não somente a vida da personagem Maria, nome tão comum entre tantas brasileiras com histórias de vidas tão igualmente semelhantes, mas de muitas outras mulheres negras, trabalhadoras, mães solo e pobres do país. No conto, a faca a laser, que como parte da violência laboral sofrida por Maria já prenunciava o desfecho, ao parecer cortar “até a vida” (Evaristo, 2016, 42), ganha uma dimensão metonímica. Como parte de uma dimensão social atravessada pela violência de diversas esferas e por um preconceito contundente, a protagonista é brutalmente assassinada pelos outros passageiros do transporte público. O corte na mão feito durante o domingo de trabalho representava apenas uma das nuances da violência social a que Maria estava submetida na sua condição de mulher pobre e mãe de três filhos, em quem pensa desde o início da narrativa, principalmente por levar para eles “os restos” que satisfariam a vontade e a curiosidade sobre sabores nunca antes provados pelos meninos. Assim, a narrativa não apenas evidencia a invisibilidade social que paira sobre a existência das muitas Marias dentro da realidade social brasileira, mas também a pesada carga de preconceito de gênero, raça e classe que, construída e advinda da construção histórica da nação, se reverbera cotidianamente na vivência de tantos sujeitos e que, no caso da personagem, chega ao extremo da violência.

Dentro uma linha de análise muito próxima à do conto de Conceição Evaristo que podemos também analisar o texto “Fuzil no portão”, reportagem presente no livro-reportagem *O olho da rua* (2008), conduzida pelo olhar e pela escrita da jornalista Eliane Brum, que se apresenta como “escutadeira”. Assim, ela vai a locais de extremos do Brasil, sobretudo periféricos, para ouvir relatos e transformar em narrativas reais, construindo o

livro citado, que tem dez grandes reportagens feitas entre 2000 e 2010, tendo por premissa mulheres como protagonistas contadoras de seus próprios relatos de vida.

As páginas desse livro são povoadas por parteiras calejadas, que tratam o parto como uma arte que exige cuidado e paciência; disputas encarniçadas, entre indígenas e grileiros, por terras; toda a melancolia e as implicações da velhice; a alegria fugaz de uma efêmera ascensão social e o impacto da volta à pobreza; relatos de florestas recônditas; a tristeza e o desamparo das mães que perdem os filhos para o tráfico; a febre do ouro; consequências da meditação intensa; indivíduos em seus dias derradeiros. Enfim, uma miscelânea de temas. Cada um preenchido por personagens memoráveis, cheios de vida e presença, e acontecimentos marcantes (Minela, 2022, n.p.).

No texto intitulado “Fuzil no portão”, tem-se o relato de chamada Francisca, mulher que em muitos aspectos tem uma história de vida semelhante à da protagonista do conto de Evaristo, pois como pobre, periférica e empregada doméstica, traz vivências muito próximas às de Maria: “era de um deles o sangue nas torneiras do prédio. Francisca trabalhou dos dez aos 48 anos em casa de família, no Rio. Nunca alcançou um salário-mínimo nem lhe assinaram a carteira. Quase infartou e não pôde mais trabalhar, não teve direito a pensão nem aposentadoria” (Brum, 2008, p.145). É possível observar, conforme o conceito de escrevivência, o quanto a obra de Conceição Evaristo mostra-se como uma reflexão profunda sobre existências femininas que, tristemente, são lugares-comuns dentro do cenário social brasileiro, pois o relato de Francisca se confunde com muitos outros que aparecem ao longo do livro de Brum. No trecho citado, pode-se inferir que Francisca desde os dez anos de idade esteve exposta ao trabalho infantil. Deste modo, no Brasil, segundo dados da PNAD de 2019, os últimos disponíveis, cerca de 1,758 milhões de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos estavam em situação de trabalho infantil antes da pandemia e, dentre esses, 706 mil vivenciaram as piores formas de trabalho infantil (Campos, 2023).

Dos dez aos 48 anos de idade, Francisca foi exposta ao trabalho excessivo, em condições de subalternidade, assim como a protagonista Maria, que trabalhava incessantemente para sustentar seus filhos. Embora Brum não deixe evidente, ao longo da reportagem, se Francisca seria ou não uma mulher negra, como Maria, é inegável, pelos elementos do relato, constatar a condição periférica e de extrema violência a que Francisca e seus filhos estavam submetidos, conforme o trecho a seguir: “Francisca começa a contar como o filho morreu e passa mal. Diz que é o coração. A filha lhe dá remédio. Quem mora no asfalto tem medo de nós, acha que gente da favela é bicho, desabafa. Falta o ar a

Francisca” (Brum, 2008, p. 145). Enquanto no conto “Maria”, a personagem principal é morta devido à violência estrutural fruto do racismo, no texto de Brum é o filho da protagonista que precocemente tem a vida ceifada como reflexo da violência social em que estava inserido. Com isso, evidencia-se o preconceito com que as pessoas que moram nas favelas são tratadas, como se eles estivessem relegados ao animalesco, presos em suas próprias casas, vistos assim, pelas pessoas do “asfalto”. Francisca, segue, lamentando a morte de seu filho, e das demais mães que sofrerão por perder seus filhos nesse mesmo espiral de violência, o que, no caso da protagonista de Evaristo, foi ela própria a vítima de um sistema social que relega aos mais pobres e desfavorecidos o lugar de vítima eminente da carga de preconceito que, em situações oportunas, manifesta-se como violência física.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrer o período histórico e analisar a evolução da literatura das representações da maternidade preta, é notória a luta e a resistência das classes oprimidas, mais precisamente contra as injustiças e o preconceito estrutural imposto a essas mulheres. E mediante os estudos realizados, foram utilizados dois textos que ajudam a evidenciar traços dessa realidade social: um da literatura negra feminina e o outro sendo relato real de uma mulher, mãe, pobre e moradora de uma região periférica do País. Assim entende-se que a literatura ratifica a realidade, e as desigualdades sociais são denunciadas através da literatura periférica, que é utilizada como meio de resistência e denúncia das diversas desigualdades sociais, mais precisamente a sofrida pela mulher e mãe preta. Através de obras como essas apresentadas, percebe-se o “brado” por igualdade e reconhecimento da mulher e mãe, diante do silenciamento vivido pelas classes oprimidas, que através da literatura, (bem como as demais ferramentas de denúncia) torna público o preconceito que por séculos se manteve ocultado.

Com base nisso, Conceição Evaristo afirma que:

[...] sendo as mulheres invisibilizadas, não só pelas páginas da história oficial, mas também pela literatura, e quando se tornam objetos da segunda, na maioria das vezes, surgem estereótipos vários, para as escritoras negras cabem vários cuidados. Assenhorando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em qualquer inferiorizada, mulher e negra (Evaristo, 2005, p. 205).

Portanto, faz-se necessária a valorização da literatura negro-feminina por, entre

tantos motivos, revelar a perspectiva das mulheres e escritoras negras que conseguem, com suas obras, romper definitivamente o silenciamento imposto a elas em relação às suas escritas e à situação histórica de subalternidade a que estiveram presas no decorrer dos séculos de formação do país. Com efeito, são obras que possibilitam uma multiplicidade de perspectivas sobre as várias realidades que compõem a atualidade, além de funcionarem como contundentes críticas sobre as mazelas que assolam os mais desfavorecidos sociais.

REFERÊNCIAS

BALISA, Fernanda Francisca; DAVID, Nismária Alves. A violência contra a mulher negra no conto "Maria", de Conceição Evaristo. **Revista Literata**, 7(1), 72-82, 2017.

BRUM, Eliane. **O olho da rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008.

CAMPOS, Ana Cristina. Agência Brasil. **Mulheres negras recebem 48% do que ganham homens brancos**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-07/mulheres-negras-recebem-48-do-que-ganham-homens-brancos>. Acesso em: 04 out. 2024.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010 (Coleção Consciência em Debate/coordenada por Vera Lúcia Benedito).

DALCASTANGNÈ, Regina. Para não ser trapo no mundo: as mulheres negras e a cidade na narrativa brasileira contemporânea. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, número 44, p. 289-302, jul./dez. 2014.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência**: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. **Navegações**, Porto Alegre, V. 6, n. 2, p. 146-153, 2013.

DUARTE, Eduardo Assis. Faces do negro na literatura brasileira. In: ALMEIDA, Julia; SIEGA, Paula (Org.). **Literatura e voz subalterna**. Vitória: EDUFES, 2016.

DUARTE, Eduardo Assis. Escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência**: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 2003.

MINELA, Ryan. **Resenha:** O olho da rua, de Eliane Brum. Disponível em: <https://www.portalcomunicare.com.br/resenha-o-olho-da-rua-de-eliane-brum/> Acesso em: 21 nov. 2024.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras:** relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

VIEIRA, Bianca. **Mulheres negras no Brasil:** trabalho, família e lugares sociais. 2018. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

Título em inglês:

**BETWEEN FICTION AND REALITY:
PORTRAITS OF MOTHERHOOD IN CONCEÇÃO EVARISTO AND
ELIANE BRUM**